



REVISTA INTER-LEGERE  
WWW.CCHLA.UFRN.BR/INTERLEGERE

---

## EROTISMO: UMA RESISTÊNCIA DO SUJEITO ÀS PROIBIÇÕES

### EROTICISM: RESISTANCE OF THE SUBJECT TO INTERDICTIONS

---

Lindinês Gomes de Barros<sup>1</sup>

#### RESUMO

A pretensão deste artigo é compreender o *Erotismo*, enquanto resistência do sujeito, que vai além do comportamento sedutor, e como algo instintivo e espontâneo. Busca, na sua existência interior, superar os limites, quebrando leis, restrições, pois ao observarmos que existimos por dentro – não havendo limites a partir dessa existência –, o existir corresponde ao não se ter limites para a interioridade. Assim, buscaremos fundamentar a compreensão de *Erotismo*, percebendo-o como uma constante nos homens, ao mesmo tempo em que a cultura se instaura no interior deles, configurando-o com intervenções segundo as variações no contexto sociocultural, concebendo restrições conhecidas sob o nome de proibições. Através desta análise, percebemos o Erotismo como resistência do sujeito, e a sexualidade como dispositivo de poder.

**Palavras-chave:** erotismo – resistência – poder – sexualidade – sujeito

---

<sup>1</sup> Mestranda do PPGCS/UFRN, orientanda do Prof. Dr. Alex Galeno.

Na contemporaneidade, somos ao mesmo tempo parte e todo, configurando uma fragmentação em que se compõem os sujeitos modernos. E nessa perspectiva, estamos diante de um turbilhão de permanentes mudanças, de lutas, contradições, de ambigüidades e angústias. Os conceitos e certezas que a razão científica trouxe foram desmanchados, fragmentados, promovendo uma desintegração social.

A coerência da racionalidade trazida pela experiência da razão científica moderna para compreender o mundo físico pode confirmar a nossa condição imposta pelo paradoxo da modernidade: se, por um lado, nos livramos dos fantasmas, medos, incertezas e dúvidas das evidências cosmológicas, por outro perdemos de forma substancial a sensibilidade dos sentidos. Neste ponto, lembramos de uma passagem de Nietzsche:

Antigamente os filósofos tiveram medo dos sentidos: será que desaprendemos esse medo em demasia?... 'Cera nos ouvidos' era então, quase que a condição do filosofar; um verdadeiro filósofo não ouvia mais a vida à medida que a vida era música; negava a música da vida – segundo uma superstição antiga dos filósofos, toda música é música de sereias.

Friedrich Nietzsche, *A Gaia Ciência*, nº 372. (*apud* SLOTERDIJK, 1992, p.75).

A partir desta observação de Nietzsche, podemos lembrar do mito grego Ulisses, que nos leva a compreender o surgimento do sujeito racional, domado e disciplinado. Ao ficar amarrado ao mastro da embarcação, ele pretende controlar seu corpo diante dos impulsos provocados pelo canto das sereias.

Esta ruptura significa uma mudança do paradigma cosmocêntrico, no qual os sujeitos estavam submetidos a uma compreensão na ordem natural do cosmos. Nesse momento, podemos dizer que se inaugura uma visão antropocêntrica, constituindo, assim, uma consciência racional no sujeito.

Esse paradigma da racionalidade do pensamento teve por objetivo livrar os homens do medo e colocá-los na posição de senhores. Ulisses renega a própria identidade que o transforma em sujeito e preserva a vida por uma imitação mimética.

Estamos na posição de Ulisses, amarrados nos mastros de um disciplinamento, não só dos corpos, mas enquanto sujeitos possuidores de uma subjetividade; mesmo assim, temos a possibilidade de produzir resistência e revoltas que nos possibilitem escapar desse controle. Nessa condição de produzir revoltas e resistências, emerge no

sujeito as suas inquietações, que, através de uma atitude transgressora, escapam das posturas normativas, em que estabelecem as regras.

A partir dessas considerações, compreendemos os sujeitos através de práticas de poder exercidas sobre eles, que também são práticas de subjetivação; no entanto, não apenas compreender o poder e sua capacidade de construir a subjetividade, mas, sobretudo, entender a resposta ao poder que controla e disciplina os sujeitos.

Nesta concepção, em que o próprio sujeito produz respostas ao poder, emerge também uma força de disciplinamento, controlando e ordenando no sentido de “polícia”, que se constitui a biopolítica compreendida por Antônio Negri. É a essa resposta ao poder que Negri (2003, p. 183) considera como resistência, por parte do sujeito, pois resiste-se somente quando se tem capacidade de constituir-se como sujeito e é somente assim que se pode falar em estratégias constituintes.

Tomaremos o exemplo do *Erotismo* como resistência desse sujeito, pois a transgressão é um elemento inerente na sua compreensão. Sendo assim, ele se constitui como uma experiência interior, na medida em que seu sentido último está em conduzir o sujeito a um estado de interioridade plena, como afirma Bataille (1988, p. 25):

O *Erotismo* é um dos aspectos da vida interior do homem. Se não damos conta disso, é porque o *Erotismo* busca incessantemente fora dele um objeto de desejo. Esse objeto, contudo, corresponde à interioridade do desejo... O *Erotismo* é, na consciência do homem, o que leva a pôr o ser em questão (BATAILLE, 1988, p. 25).

A pretensão deste artigo é compreender o *Erotismo* enquanto resistência do sujeito, que vai além do comportamento sedutor, como algo instintivo e espontâneo que busca na sua existência interior superar os limites e, como jogo sedutor, quebrar leis e restrições, ao observarmos que existimos por dentro, não havendo limites para essa existência, na qual o existir corresponde a não haver limites para a interioridade.

Neste contexto, buscaremos fundamentar a compreensão do *Erotismo*, percebendo-o como uma constante em todos os homens, ao mesmo tempo em que a cultura se instaura em seu interior configurando-o com intervenções segundo as variações no contexto sociocultural, concebendo restrições como proibições.

No estudo sobre a *História da Sexualidade*, Michel Foucault (1988) nos coloca como a sexualidade foi apropriada pelo discurso do saber científico, através de uma pedagogização da sexualidade, exercendo um poder disciplinar e controlando os desejos.

É inclusive pretensão, ao lermos Foucault, enxergarmos o *Erotismo* como um dispositivo de resistência, pois, a partir do momento em que se instalou um controle, um disciplinamento da sexualidade, esta sexualidade é encerrada com a família conjugal que a confisca, cabendo, portanto, ao casal a função de procriação, como dita a lei, impondo-se como modelo para deter uma verdade; assim, também se dá em outros espaços sociais onde é colocado o reconhecimento do lícito. (FOUCAULT, 1980, p. 9).

Então, podemos nos ater ao conceito de *Erotismo*, proposto por Georges Bataille, o qual, compreende o *Erotismo* como uma contraste aos comportamentos e juízos habituais. Neste sentido, podemos utilizar as suas palavras, quando diz:

O *Erotismo* deixa transparecer o avesso duma fachada, cuja correta aparência nunca é desmentida: nesse avesso se revelam sentimentos, partes do corpo e modos de ser de que vulgarmente temos vergonha. (BATAILLE, 1988, p. 85)

É com esta compreensão que Bataille faz sua leitura do *Erotismo* como transgressão, considerando os limites estabelecidos pela lei, instituído pelo casamento como o enquadramento da sexualidade. É exatamente o que Foucault coloca como sendo a sexualidade uma invenção recente no campo do saber, sendo que, enquanto instituição moderna, ela constitui-se com uma proliferação de discursos através de instituições como a Igreja, a escola, a família, o consultório médico, entre outros saberes científicos, como a demografia, a biologia, a medicina, a psicologia, a psiquiatria, a moral, a pedagogia.

O *Erotismo*, como ponto de partida na resistência do sujeito, emerge da força da interioridade, mesmo que sua subjetivação seja constituída pelos mecanismos de poder, mas é a partir desta compreensão que observamos como se instaura a biopolítica, pois é uma força que vem de baixo para cima, provando que o sujeito é possuidor de instintos e que pode reagir ao controle disciplinar. Mas, para conter este poder que emerge do sujeito, criam-se estratégias que o abarcam.

Segundo Negri (2003, p. 107), hoje, o que parece mais interessante é a definição da biopolítica, que se dá na emergência da subjetividade, cuja força emerge do próprio sujeito, e, neste sentido, irão surgir mecanismos de poder para discipliná-lo.

Para melhor compreender o poder, não devemos entendê-lo como a soberania do Estado, a força da lei ou a unidade global de uma dominação, pois estas são apenas suas formas terminais. Precisamos compreender o poder como uma multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio, onde se exerce e se constitui sua

organização. É o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte, e que tais correlações se encontram e se cristalizam de forma institucional nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1980, p. 88).

Portanto, se existe poder também existe resistência; ambas nunca se encontram em posição de exterioridade em relação ao poder. O caráter relacional das correlações de poder não pode existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência. (Ib, p. 91).

É através desta afirmação de Foucault que damos consistência às indagações direcionadas ao *Erotismo* como resistência desse sujeito. Se a sexualidade consiste num poder que emerge do próprio sujeito, explica-se, assim, as estratégias para disciplinar e construir essa subjetivação.

De acordo com Negri, no livro *O uso dos prazeres*, Foucault desenvolve essa metodologia construtiva, avaliando como os gregos antigos e o Cristianismo construíram o sujeito. Ele enfatiza que, por um lado, a busca da felicidade e, por outro, a sujeição da pessoa a Deus que forma o pólo central, quer dizer, por um lado a afrodisiaca civilização clássica, e, por outro lado, “o controle da carne” (NEGRI, 2003, p. 182).

Mas, para Foucault, o interessante não é a maneira de construir o sujeito através dessas práticas de poder, que são, na verdade, de subjetivação, mas sim, como devemos diante delas, dar uma resposta ao poder. A partir desta compreensão, podemos encontrar a resposta porque a sexualidade é bastante administrada, surgindo as disciplinas do corpo e as regulações da população, desenvolvendo a organização do poder sobre a vida. Citaremos o próprio Foucault para melhor explicitar como a vida tornou-se um poder soberano:

A instalação durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces - anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo.(FOUCAULT, 1980, p.131).

O poder soberano, que tinha a morte como potência e pólo de dominação, agora encontra na descoberta da vida o poder de gestão e de soberania, isto é, os fenômenos próprios à vida, na ordem do saber e do poder.

O próprio desenvolvimento do capitalismo foi um elemento indispensável para garantir a inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e, por meio de um ajustamento dos fenômenos da população nos processos econômicos. (FOUCAULT, 1980, p.132).

Partimos de uma questão levantada por Foucault (1980, p.76): “Por que o sexo é assim tão secreto? Que força é essa que, durante tanto tempo, o reduziu ao silêncio e mal acaba de ceder, permitindo-nos talvez questioná-lo, mas sempre a partir e através de sua repressão?”

Foucault, através de sua indagação sobre o sexo, nos possibilita compreender como se construiu essa vontade de saber e como a sexualidade tornou-se um mecanismo de poder desenvolvendo dispositivos para controlar os sujeitos. Percebemos como a sexualidade foi entendida e construída, pois até o início do século XVII, ainda vigorava uma certa franqueza nas palavras, nos gestos, nos discursos, e até mesmo em transgressões visíveis.

A partir do momento que a sexualidade foi encerrada, sendo configurada dentro de um paradigma da normalidade, em que é confiscada, é exatamente na família conjugal que este modelo se impõe, levando ao princípio do segredo.

Então, com o estabelecimento da normalidade, a sexualidade se restringe ao lícito e ao ilícito, dando margem para um discurso de repressão, onde a interdição, a censura e a negação são as formas pelas quais o poder se exerce de maneira geral.

Segundo Foucault (1980, p. 21), a hipótese repressiva teve início no século XVII, em que a sexualidade foi reduzida ao nível da linguagem, no qual pode-se considerar a evolução da pastoral católica e do sacramento da confissão como marcas visíveis na vigilância dos sujeitos. Vale ressaltar que a confissão tornou-se uma prática comum na vigilância dos atos e atitudes, difundindo amplamente seus efeitos na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana; confessam-se os pensamentos e os desejos aos educadores, ao médico, àqueles a quem ama (FOUCAULT, 1980, p. 59). É assim que se estabelece este poder de autovigilância no íntimo da sociedade moderna.

Com a introdução da confissão inicia-se um período de regras para o exame meticuloso de si mesmo, como também o disciplinamento das inquietações e dos desejos desse sujeito que agora se põe numa posição de autovigilância. Observemos estas palavras de Foucault:

Examinai, portanto, diligentemente, todas as faculdades de vossa alma, a memória, o entendimento, a vontade. Examinai, também com exatidão todos os vossos sentidos [...]. Examinai, ainda, todos os vossos pensamentos, todas as vossas palavras e todas as vossas ações. Examinai, mesmo, até os vossos sonhos para saber se, acordados, não lhes teríeis dado o vosso consentimento [...] (1980, p. 23).

A partir do momento em que o sujeito começa a controlar a sua interioridade, enquadrando-se dentro de uma lógica repressiva, a resistência e o poder possuem um caráter relacional nas correlações de forças, instituindo um poder sobre os sujeitos que neste momento ficam abarcados pela regulamentação de suas subjetividades.

Para Foucault (1980, p.139), a sexualidade encontra-se do lado da norma, do saber, da vida, do sentido, das disciplinas e das regulamentações. Sendo assim, a sexualidade torna-se um dispositivo de poder, no qual as populações são reguladas pelos saberes científicos.

Afirma Foucault (1980, p.145): “se é pelo sexo que o imaginário é colocado na sexualidade, é necessário que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade, onde podemos encontrar o elemento oculto e o princípio produtor de sentido”.

Neste sentido, compreendemos o *Erotismo*, também, como uma forma de resistência do sujeito, por delinear caminhos transgressores, escapando da vigilância e do poder disciplinador que regulam os comportamentos dentro de uma moral, estabelecendo o permitido e o proibido. O *Erotismo* vai provocar o campo do sagrado e das interdições, onde o lícito e o ilícito tornam-se a maneira dos sujeitos enquadrarem suas sexualidades. Então, podemos compreender que o *Erotismo* possibilita ao sujeito expressar suas subjetividades.

**Referências:**

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Lisboa: Antígona, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade do Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre o Império**. Rio de Janeiro: Editora, DP&A, 2003.

SLOTERDIJK, Peter. **Mobilização Copernicana e Desarmamento Ptolomaico: Ensaio estético**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.